CORREIO POPULAR
Publicado em 20/07/2022 - 05:53

Requalificação do Centro terá obra na 13 de Maio e recuperação de prédios históricos

Thiago Rovêdo
thiago.rovedo@rac.com.br

FIAÇÃO VOLTARÁ A SER AÉREA

Prefeitura vai desenterrar cabos de energia da 13 de Maio

Calçadão ganhará 'telhado' de guardas-chuvas coloridos, bancos e lixeiras de concreto

A Prefeitura de Campinas anunciou ontem que irá desenterrar os cabos de energia da Rua de 13 de Maio e eles voltarão a ser suspensos, como eram antes da grande reforma ocorrida no Centro da cidade em 2003. A medida integra o projeto de mobiliário urbano que contemplará a instalação de sombrinhas coloridas, bancos e lixeiras de concreto em trechos do calçadão da via — conhecido por Convívio. As obras serão executadas pela Construtora Patriani, que venceu o chamamento público aberto para doação e instalação de decoração e mobiliário urbano na rua.

Prefeitura planeja que término das obras ocorra antes do Natal

O chamamento público foi realizado pela Prefeitura no início de julho. A ação integra as iniciativas do Plano de Requalificação da Região Central de Campinas (Prac). A projeção da Administração é que toda a intervenção seja finalizada até dezembro, antes do Natal.

O projeto foi apresentado ontem para mais de 50 pessoas, entre comerciantes e autoridades, em reunião na Associação Comercial e Industrial de Campinas (ACIC). Ao anunciar as obras, a secretária de Desenvolvimento Econômico, Adriana Flosi, que também é presidente da ACIC, explicou que desenterrar os cabos de energia se faz necessário por fatores como segurança pública e até mesmo a melhoria do fornecimento de energia aos lojistas.

"A obra da 13 de Maio não foi tão boa igual da Avenida Francisco Glicério. Os cabos ficam expostos à chuva, água e, principalmente, a roubos. Por conta desses motivos, o fornecimento de energia, às vezes, acaba falhando. Decidimos que o melhor é desenterrar os cabos e suspendê-los novamente, porque a outra alternativa é uma nova obra, nos moldes que foi feita em 2003, rasgando a 13 de Maio de novo", contou.

O projeto proposto pela Construtora Patriani prevê a instalação de estruturas metálicas com 950 guarda-chuvas coloridos fixados por cabos de aço a uma altura de seis metros do solo, que cobrirão seis das nove quadras do calçadão: da Estação Cultura até a praça anterior à Catedral Metropolitana. Os guarda-chuvas serão intercalados ao longo da via, visando dar área de sombreamento, mas também manter o espaço arejado.

Além disso, serão instalados 50 pufs redondos, 30 bancos retangulares vazados — para evitar o acúmulo de água — e lixeiras próximas aos postes de luz, todos confeccionados em concreto. O mobiliário urbano ficará a cerca de um metro e meio da entrada das lojas e será disponibilizado de forma espaçada pelas quadras.

Apesar de prever a conclusão até o Natal por conta do movimento, a expectativa do município é que tudo seja executado em etapas, com alguns trechos sendo entregues antes dos outros. Porém, não há data para o início dos trabalhos. "Os guarda-chuvas já estão disponíveis, porém as treliças de metal precisam ser encomendadas aos poucos, até para ter um local adequado para armazenamento. Porém, conforme for entregando, a construtora pode começar a obra e ir fazendo por etapas", afirmou a secretária de Planejamento e Urbanismo, Carolina Baracat Lazinho. Ela afirmou que a fiação aérea de energia elétrica será ocultada pelo 'telhado' de guarda-chuvas.

Opiniões

Os lojistas e diretores da Associação Comercial e Industrial de Campinas puderam conhecer o projeto, tirar dúvidas e apresentar sugestões. Eles saudaram a iniciativa como positiva, porém, o vice-presidente da ACIC, Guilherme Campos, ressaltou que ainda falta um projeto integrado para o Centro da cidade. "Esse governo tem trabalhado pelo Centro, com diversas ações, mas acho que ainda falta um projeto mais integrado. O Centro precisa de vida, de moradia, de atividades culturais, para deixar de ser um local abandonado como ele está", afirmou.

Tanto comerciantes como frequentadores da 13 de Maio viram com bons olhos essa intervenção, mas alertam para os problemas que essa iniciativa pode gerar a longo prazo."Claro que todo mundo quer ver a 13 de Maio bonita, mas tem que pensar em um jeito dos bancos não virarem camas para os moradores em situação de rua. É só olhar para os que existem hoje e como eles são todos ocupados por essa população. Eu tenho receio da população acabar não utilizando por conta disso", afirmou o comerciante Carlos Roberto Schultz.

A vendedora Andressa Matias, que trabalha perto do Centro, contou que gostou da ideia, já que ela vem comer muitas vezes no Convívio e seria bom ter um local para sentar durante o horário de almoço. "Até tem bancos aqui, mas eles são poucos e estão sempre ocupados. Acho interessante essas novas obras. Também gostei das sombrinhas, que vão dar um pouco de sombra", disse.

O comerciante Raul Valverde Barros tem a mesma preocupação em relação aos moradores em situação de rua. "Não vi as imagens de como vai ficar, mas pelo que me contaram será bonito e bom. Meu receio é com a quantidade de gente que fica na rua. Eles dormem aqui no chão e, se houver bancos, vão usar eles como cama", comentou.

Revitalização

A intervenção na Rua 13 de Maio faz parte da proposta da requalificação do Centro. Em agosto, está previsto o início das obras na Avenida Campos Sales. Atualmente, o projeto de revitalização da via passa por uma simplificação, de modo a torná-la mais adequada às dificuldades impostas pela crise econômica em curso no País. Para compensar as alterações no projeto, que devem afetar a forma como ocorrerá a ampliação das calçadas e a troca de pavimento, a Administração decidiu incluir a construção de uma ciclovia no local.

As obras na Campos Sales foram anunciadas em 2021 a partir de investimentos de cerca de R$ 12 milhões, sendo a maior parte oriunda de recursos de Termos de Ajustamento de Conduta (TAC). A previsão é de duração de 12 meses e a obra é de responsabilidade da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec).

Entre as mudanças mais significativas, está a ampliação das calçadas em dois metros de cada lado, o que deve ocorrer a partir da remoção das bancas, que passariam a ser acomodadas em uma faixa de rolamento pintada e sinalizada a ser criada na via pública, do lado esquerdo da avenida. A alternativa estudada evita as obras estruturais de alargamento.

Outra discussão ainda em relação à calçada está em torno do tipo de piso a ser instalado. O projeto original previa um material semelhante ao usado na Avenida Francisco Glicério, mais resistente e com padrão de qualidade atestado em outros projetos de revitalização ocorridos em capitais brasileiras. Agora, isso está sendo revisto.

Cedoc

Nas obras da Rua 13 de Maio em 2003, todos os cabos de energia elétrica foram enterrados sob o calçadão, para remover a fiação que ficava suspensa

Kamá Ribeiro

Projeto se estenderá da praça atrás da Catedral até a Estação Cultura

Kamá Ribeiro

Objetivo é proporcionar sombra aos pedestres do calçadão do Convívio

Ricardo Lima

Serão instalados 950 guarda-chuvas coloridos em seis dos nove quarteirões da 13 de maio, de forma semelhante ao modelo existente em Holambra

Projeto de revitalização prevê restaurar 4 prédios históricos

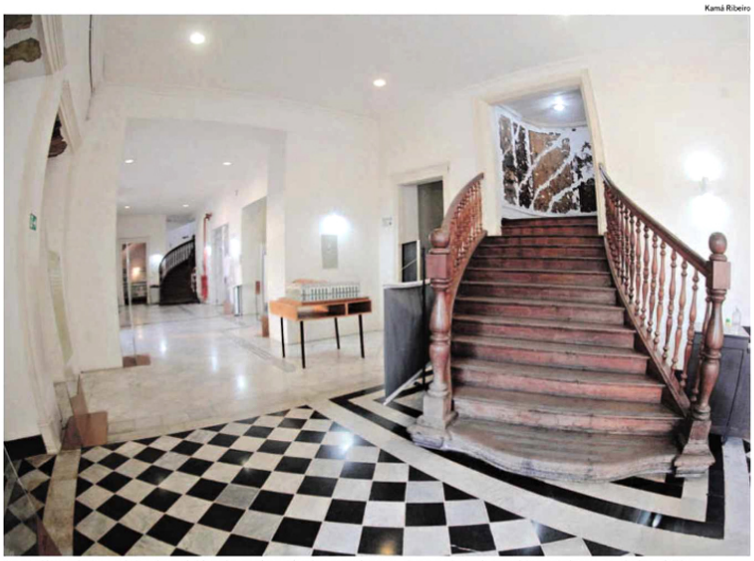
Proposta de recuperação de imóveis centenários está em fase de elaboração pela Administração

Edimarcio A. Monteiro
edimarcio.augusto@rac.com.br

O projeto de revitalização do Centro de Campinas prevê obras de recuperação de quatro prédios históricos centenários que estão sob os cuidados da Prefeitura. São: o Mercado Municipal, Palácio dos Azulejos, Pátio Ferroviário e Palácio da Mogiana, de acordo com o pacote revelado ontem após o anúncio da readequação da Rua 13 de Maio, a principal do comércio na área central *(leia reportagem na página 4)*.

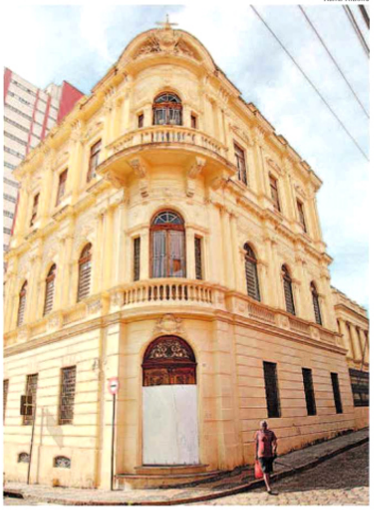
De acordo com a Administração Municipal, o projeto de recuperação dos quatro prédios históricos está em fase de elaboração, mas não foram divulgados detalhes das obras, nem sobre os investimentos que serão realizados. Dos quatro prédios previstos, dois estão ocupados totalmente, o Mercadão e o Palácio dos Azulejos, e dois parcialmente, o complexo ferroviário e o Palácio da Mogiana.

Kamá Ribeiro



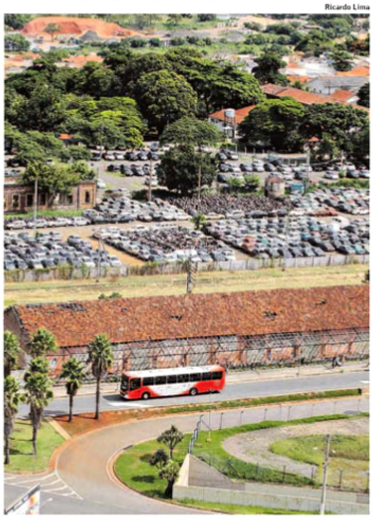
De residência do Barão de Itatiba, o Palácio dos Azulejos já sediou a Prefeitura, a Sanasa e hoje abriga o Museu da Imagem e do Som (MIS)

Kamá Ribeiro



Palácio da Mogiana é usado como Centro de Apoio ao Trabalhador

Ricardo Lima



Intenção é também recuperar os barracões do Pátio Ferroviário

Kamá Ribeiro

Com área construída de 3.110 metros quadrados, o imóvel do atual Mercadão foi inaugurado em 1908 como armazém de açúcar

A arquiteta, urbanista e historiadora Ana Villanueva vê com bons olhos a proposta para esses edifícios. "Fico feliz pela Prefeitura ter planos para esses prédios que são ícones, símbolos de Campinas, mas é algo caro e que leva tempo para ser feito. Porém, é algo que tem que começar, é preciso ter coragem e iniciar", disse. Para ela, a recuperação desses prédios pode servir de estímulo para a revitalização de outros edifícios históricos e atrair o público para a área central.

Estrutura

"É preciso ter a experiência de estar no espaço histórico para valorizá-lo", explica. Para Ana, a prioridade das obras deve atacar três pontos estruturais para garantir a preservação dos prédios: telhado, hidráulica e elétrica. "São prédios construídos em uma época que não havia computadores. Para que eles possam ser usados, são feitas gambiarras na rede elétrica que geram riscos de incêndios", explica.

Para a arquiteta, a Prefeitura deve elaborar projetos e um planejamento de obras que garantam a execução dos serviços, daí a importância de priorizar os pontos estruturais. Todos os prédios previstos para recuperação são tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc), que é municipal, e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, órgão subordinado à Secretaria da Cultura do Estado. O Palácio dos Azulejos é o único tombado também pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Conheça os prédios históricos

Mercado Municipal

Foi projetado pelo arquiteto campineiro Ramos de Azevedo, seguindo o estilo neomourístico. Com área construída de 3.110 metros quadrados, foi inaugurado em 1908 como armazém de açúcar e estocagem de produtos transportados pela Estrada de Ferro Funilense para o Porto de Santos. É cartão postal e uma das sete maravilhas de Campinas. Foi um dos primeiros pontos de comércio do século XX e ponto de encontro da elite artística e intelectual campineira.

Em 1996, uma restauração recuperou suas características originais. O documento de registro de imóvel foi entregue em maio passado em evento de comemoração dos 114 anos do patrimônio histórico. Foi um trabalho iniciado em 2017, com o usucapião da área sendo conquistado três anos depois, o que garantiu a obtenção da matrícula.

Na oportunidade, foi anunciado um investimento de R$ 5 milhões para a reforma interna e restauração da fachada. A obtenção do registro também viabiliza a busca de outras verbas dos governos federal e estadual para a reforma do entorno.

Palácio dos Azulejos

Foi construído em 1878 para ser a residência de Joaquim Ferreira Penteado, o Barão de Itatiba, um abastado cafeicultor proprietário da Fazenda Cabras, onde hoje se situa o Lar dos Velhinhos, e da Fazenda Duas Pontes. O prédio, também conhecido como Solar do Barão de Itatiba, foi construído em taipa de pilão, tijolos e materiais importados, como mármores, tintas, lustres e metais. A fachada é revestida com azulejos portugueses, daí o seu nome, em estilo neoclássico.

O prédio foi doado pela família do barão, em 1908, e passou a abrigar a Prefeitura de Campinas e o Fórum da cidade até 1968. Em seguida, passou a ser controlado pela Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento (Sanasa). O prédio foi sede da empresa de economia mista até a década de 1990, quando ela se mudou para um prédio novo na Avenida da Saudade, na Ponte Preta. Em 2004, foi concluída a primeira fase de restauro do imóvel. Atualmente, ele está sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura e abriga o Museu da Imagem e do Som (MIS).

Pátio Ferroviário

Na semana passada, o prefeito Dário Saadi (Republicanos) esteve, em Brasília, com o presidente Jair Bolsonaro (PL) para finalizar os processos de cessão de uma área de 200 mil metros quadrados (m²) do pátio da antiga Ferrovia Paulista S.A. (Fepasa) para o município. É um passo considerado importante para destravar o projeto de revitalização da região central. No local, serão desenvolvidas parcerias com a iniciativa privada para a implantação de empreendimentos imobiliários e comerciais.

A parcela que agora será cedida representa 64,52% dos cerca de 310 mil metros quadrados do complexo ferroviário, que abrigou as instalações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, oficinas da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, posteriormente, da Fepasa. Hoje, o imóvel é composto por edificações históricas e tombadas. A área é voltada para a Vila Industrial, margeando as Ruas Francisco Teodoro e Doutor Sales de Oliveira.

Palácio da Mogiana

O prédio foi construído em 1891 pela Companhia Mogiana de Estrada de Ferro e foi a sede da empresa até a década de 1926, quando a empresa se transferiu para São Paulo. Porém, o local continuou sendo usado como escritório regional. O edifício em estilo eclético foi cedido para uso da prefeitura em 2012 e abriga, em parte do complexo, o Centro Público de Apoio ao Trabalhador (Cpat) e também a Câmara dos Dirigentes Lojistas de Campinas (CDL).

É o prédio que apresenta maior fragilidade. O terceiro andar está fechado por causa de problemas no telhado e das infiltrações que tomam conta das salas. O palácio é um dos símbolos do auge da produção de café em Campinas, sendo um dos polos para sua expansão.

O prédio original foi alterado em 1953, quando uma das alas foi demolida para o alargamento da Avenida Dr. Campos Salles. O prédio principal vem sendo mantido pela Associação Comercial e Industrial de Campinas (Acic), que realiza algumas manutenções nas instalações. Em 2010, durante as negociações para assumir o Palácio da Mogiana e a Estação Ferroviária (atual Estação Cultura), a Prefeitura previa instalar centros culturais nos prédios. Para isso, estava prevista a liberação, pelo governo federal, de uma verba de R$ 15 milhões, o equivalente na época a US$ 8,51 milhões, o que não se concretizou. Atualizado pelo câmbio atual, o valor chegaria a R$ 46 milhões.

> **"Fico feliz pela Prefeitura ter planos para esses prédios que são ícones, símbolos de Campinas."**
>
> **ANA VILLANUEVA**
> Arquiteta, urbanista e historiadora

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Pagina:** 4 e 5

Copyright © Clipclap 2025.